

PIB cresce 2,3% em 2005, puxado pelo consumo das famílias

SABRINA LORENZI E EDUARDO CAMPOS
RIO E SÃO PAULO

A economia brasileira cresceu no ano passado 2,3%, metade da taxa registrada em 2004. Naquele ano, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro aumentou 4,9%, impulsionado principalmente pelos investimentos. Em 2005, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi o consumo das famílias que sustentou o conjunto de riquezas, apresentando crescimento de 3,1%, o dobro da taxa de investimentos e de gastos do governo, ambos com 1,6%.

“Em 2004, a economia foi puxada pelos investimentos, que cresceram 11% no embalo de máquinas e equipamentos. Já em 2005, a economia foi sustentada pelo consumo das famílias”, afirmou a gerente de contas nacionais do IBGE, Rebeca Palis. De acordo com ela, houve um aumento de 6,8% da massa salarial no ano passado. Paralelamente, as operações de crédito por pessoas físicas deram um salto de 38,5%.

A demanda interna respondeu por 60% do crescimento do PIB. As exportações continuaram em alta, mas seu peso na economia foi menor que o das famílias brasileiras. Do aumento de 2,3% do PIB, a demanda externa respondeu por 0,9 ponto percentual, enquanto 1,4 ponto percentual resultou do consumo doméstico, incluindo famílias, investimentos e gastos do governo.

O consumo interno, no entanto, não freou o avanço da demanda externa no PIB, contrariando expectativas. Mal voltou ao centro economia brasileira, a demanda doméstica já perdeu o peso conquistado em 2004. A demanda externa aumentou a participação no aumento do PIB, de 27% em 2004, para 40% em 2005. De 2001 a 2003, as compras externas salvaram os resultados do PIB, com mais importância no crescimento do que as famílias brasileiras. Esse movimento sempre ocorre quando há desaceleramento econômico.

No ano passado, as exportações de bens e serviços cresceram 11,6%, com destaque para petróleo e soja. O crescimento de 9,5% das importações inibiram o impacto no PIB. Para calcular o efeito das vendas externas, o IBGE desconta das exportações o desempenho das compras no exterior.

A participação do consumo das famílias no PIB continua sendo a maior: 55%. O segundo item mais importante no PIB é a Formação Bruta de Capital Fixo (os investimentos), com 19,6%; seguido dos gastos do governo (18,8%) e das exportações (18%). As importações apresentam contribuição negativa de 13,4%.

Não fossem os recursos naturais, a indústria brasileira teria crescido bem menos que 2,5%. Enquanto a produção de petróleo e minério de ferro proporcionaram crescimento recorde à indústria extrativa mi-

neral, com aumento de 10,9% no PIB do setor, a indústria de transformação cresceu apenas 1,3% em 2005.

Aço, fertilizantes, vestuário, têxteis, couro e calçados e óleos combustíveis cortaram produção em 2005. A gerente de contas nacionais do IBGE mostra as particularidades de cada segmento. A indústria têxtil amargou concorrência acirrada dos produtos chineses. A queda na produção de adubo reflete a retração na agropecuária.

Com crescimento de 0,8% no PIB, a agropecuária amargou o pior resultado desde 1997, quando apresentou recuo de 0,83%. Arroz, fumo, milho, café, laranja e algodão enfrentaram quebra de safra. Salvaram a lavoura a cana-de-açúcar (por causa do consumo de álcool combustível), soja e mandioca.

O setor de serviços cresceu 2% no ano passado. As maiores altas partiram de comércio (3,3%), transporte (3,2%) e aluguéis (2,5%). As instituições financeiras registraram alta de 2,4% e a administração pública, de 1,7%.

O setor agropecuário amargou o pior resultado desde 1997, com crescimento de 0,8% no PIB, devido a quebra de várias safras

Em ano marcado novamente pela ‘bonança’ internacional, o País conseguiu a façanha amargar a menor taxa de crescimento entre as economias emergentes e latino-americanas. A informação consta de relatório da Austin Rating.

NA CONTRA-MÃO

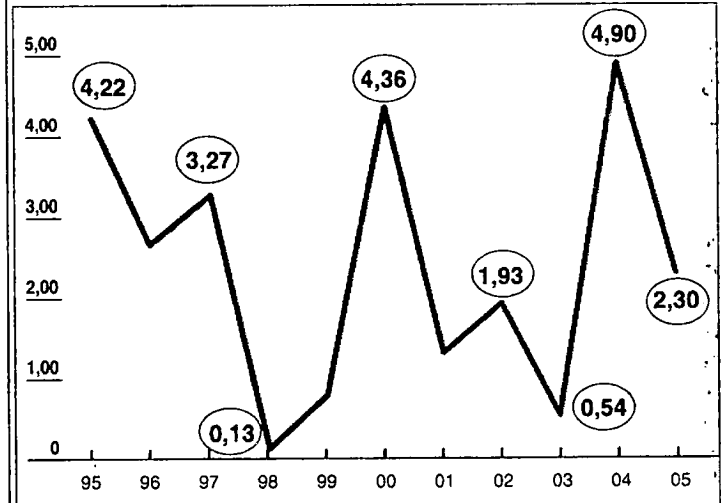
O documento destaca que entre as principais economias emergentes e latino-americanas o Brasil foi o país que registrou a menor taxa de crescimento.

A agência de classificação de risco analisou dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) de países como China, que deve registrar crescimento de 9,9% em 2005, Argentina (9,1%), Índia (7,1%), Chile (6%), Peru (6%), Rússia (5,5%), Colômbia (4,3%), Bolívia (3,8%) e México (3,0%).

Segundo o documento, a média da taxa de crescimento dos países listados foi de 4,1% nos últimos 10 anos (1996-2005), enquanto a média de crescimento do Brasil foi de apenas 2,3%. “O Brasil, por uma incompetência própria, continua crescendo as taxas mórbidas”, afirma o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini.

Segundo ele, um dos maiores problemas internos é a elevada taxa de juros. “Temos também, a valorização do real, que não é estritamente brasileiro, mas é um problema que pode acarretar resultados negativos para a economia brasileira, caso outras medidas não sejam adotadas para conter a valorização”, avalia.

PICOS E VALES
PIB - Variação real (em %)



Fontes: IBGE e Centro de Informações da Gazeta Mercantil